

Trabalho como uma forma contemporânea de angústia, baseado na teoria de D.W. Winnicott¹

Work as a portrait of a contemporary form of distress, based on D.W. Winnicott theory's

El trabajo como forma contemporánea de angustia, según la teoría de D.W. Winnicott

Gisela Turchetti

Resumo

As pressões psíquicas da contemporaneidade alteram as relações sociais e tendem a aumentar a angústia. Baseado na teoria de D. W. Winnicott, esse artigo investiga a fixação emocional no trabalho como uma forma de se proteger da angústia, através de um *falso self protetor* patológico.

Palavras-chave: contemporaneidade, angústia, ansiedade, trabalho, Winnicott

Abstract

The psychic pressures of contemporary life change social relations and are key factors for the growth of distress. Based on D.W. Winnicott's theory, this paper seeks to investigate the emotional fixation on work as one of the ways to protect oneself from it, through a pathologic *protective false self*.

Keywords: contemporary life, distress, anxiety, work, Winnicott

Resumen

Las presiones psicológicas de la vida contemporánea alteran las relaciones sociales y tienden a incrementar la ansiedad. Basado en la teoría de D. W. Winnicott, este artículo investiga la fijación emocional en el trabajo como una forma de protegerse de la ansiedad, mediante un falso yo protector patológico.

Palabras clave: vida contemporánea, ansiedad, trabajo, Winnicott

¹ Artigo baseado na Dissertação de Mestrado intitulada *Retrato de uma forma contemporânea de angústia* (PUC-SP, 2021), elaborada por Gisela Turchetti, sob orientação do Prof. Dr. Renato Mezan.

Introdução

O presente artigo visa explorar casos de pacientes com inúmeras atividades laborais, em estado de exaustão física e mental. Uma das queixas recorrentes diz respeito à falta de sentido em suas vidas, descritas como tediosas, ainda que alcancem sucesso em seus campos de trabalho. Ao mesmo tempo, são pacientes que podem ter um profundo desconhecimento de seu próprio estado psíquico, que, em geral, se manifesta por crises de angústia e potencial estado de *Burnout* (Maslach & Leiter, 2016).

Estamos diante, pois, de um fenômeno que vem marcando a contemporaneidade e que se refere à ideia de que o tempo é precioso e, como tal, não pode ser desperdiçado em nada que envolva a subjetividade, identificada como algo não produtivo.

Mas o que seria essa produtividade? A resposta não exige muita reflexão: trata-se de algo similar a uma atividade que possa ser medida em consumo. Ou será que podemos pensar em uma organização defensiva diante do incômodo gerado por angústias inconscientes? Talvez estejamos testemunhando uma tentativa de anular a dor, derivada de sentimentos de impotência, inferioridade ou incapacidade diante da cultura em que nos inserimos. A compulsão nos mostra que há uma angústia, não reconhecida, que acaba sendo descarregada. Não faltam exemplos cotidianos: excesso de atividades físicas, de cursos, de afazeres etc.

Diante desse quadro que marca a vida contemporânea, entendo que existe um mal-estar na perda do contato do sujeito com o seu Eu (*self*). A angústia e a confusão têm origem, então, no não reconhecimento das próprias necessidades e no desconhecimento de seus desejos.

Este texto trilha os caminhos pelos quais a contemporaneidade atua na psique e gera efeitos, chamados de sintomas, iniciando pela caracterização da contemporaneidade, do ponto de vista social e psíquico, e pela discussão de transformações sócio-históricas

e econômicas que alteraram o rumo e a percepção de mundo, inclusive com a introdução dos meios de comunicação (fator-chave à contemporaneidade). Busco conectar essas características da contemporaneidade às condições psíquicas individuais e à angústia que, através da fundamentação teórica de Winnicott, vai subsidiar um racional psicanalítico da vulnerabilidade do sujeito à barbárie contemporânea que vivemos.

Idade contemporânea: características sócio-históricas e adoecimentos

Historicamente, a Idade Contemporânea, ou contemporaneidade, é uma divisão cronológica que tem seu início em 1789, com a Revolução Francesa, e continua até os dias atuais. Autores como o sociólogo e filósofo polonês Z. Bauman e os psicanalistas J. Birman e C. Bollas classificam a contemporaneidade em fases distintas. Para Bauman (2003), há dois períodos: modernidade sólida e modernidade líquida. Na modernidade sólida temos a rigidez das relações humanas, sociais e, principalmente, do pensamento, prevalecendo a dualidade certo e errado, bom e mau. O período denominado pelo autor como modernidade sólida ou sociedade dos produtores situa-se historicamente entre a Revolução Francesa e a Segunda Guerra Mundial, portanto, entre 1789 e 1945. As relações sociais e familiares eram rígidas e duradouras, e o padrão de consumo baseado em bens duráveis, simbolizando segurança e estabilidade financeira. Isso trouxe confiança às instituições e relações humanas (Bauman, 2003).

A modernidade líquida ou sociedade do consumo, por outro lado, acontece após a Segunda Guerra Mundial. Os avanços tecnológicos, e o advento da internet aparecem como principais propulsores deste movimento. Segundo Bauman (2023), as relações econômicas, nessa fase, se sobrepuseram às interações sociais e humanas, fragilizando as relações entre as pessoas e as instituições. A pressa passou a prevalecer, a noção de espaço

quase desapareceu pelo encurtamento tecnológico das distâncias. A moral deu lugar ao consumo, e o emprego tornou-se um empreendimento do indivíduo por si só. Assim, a modernidade líquida tem instituições líquidas - pois cada pessoa é uma instituição -, além de ser ágil, acompanhando a moda e o pensamento de época. A ciência, a técnica, a educação, a saúde, as relações humanas e tudo mais que foi criado pelo ser humano para compor a sociedade são submetidos à lógica capitalista de consumo (Bauman, 2003).

A sociedade líquida gera uma tendência à ansiedade, insegurança, individualidade, competitividade, com ideias obsessivas relacionadas ao desempenho, principalmente o profissional, com as pessoas vivendo ao sabor das mudanças, o que gera uma ansiedade extrema que esgota a nossa capacidade de adaptação. Nada é permanente; tudo é volátil e fluido (Bauman, 2003).

Para Birman (2007), a contemporaneidade se caracteriza pelo culto à individualidade, enquanto cultura do narcisismo e de uma sociedade do espetáculo. Os ideais românticos da Revolução Francesa deixam de ser referência, e a ciência, a religião e a psicanálise não conseguem mais aplacar o mal-estar da humanidade. Sem referenciais, o homem da contemporaneidade se encontra diante do desamparo e da solidão, em uma sociedade em que não há contemplação de si mesmo. O resultado é um sujeito cuja essência torna-se aparência, e não a construção de si (Birman, 2007).

Diante disso, a depressão não aparece só como um sintoma do mal-estar da atualidade, mas como produto de uma forma de existência na qual o desejo não encontra destino. A depressão é como uma vida sem história, tomada pelo vazio: “como potência em negativo da espacialidade, o vazio é ainda o espaço contraído e condensado num ponto evanescente, que provoca a vertigem e lança o sujeito inapelavelmente nas bordas da sensação de abismo” (Birman, 2014, p. 116).

Debórd (1997) complementa o conceito de sociedade do espetáculo e os impactos no narcisismo. Segundo o autor, os sujeitos “fracassados” na cena espetacular encontram-se, por assim dizer, em uma posição subjetiva de extremo desamparo em relação à “sociedade do espetáculo”. Assim, a contemporaneidade se configura num cenário narcísico expresso por meio do exibicionismo – o narcisismo dos indivíduos, em que o Eu deve se expor ao outro para obter seu reconhecimento e aceitação. No início do capitalismo, a dialética subjetiva dos indivíduos consistia em uma degradação do *ser* para o *ter*. Somos atores e espectadores da *sociedade do espetáculo* e “a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente” (Debórd, 1997, p.15).

O presente é incontinuo e fugaz; não existe possibilidade de perpetuar alguma coisa. Os ídolos foram derrubados e os referenciais não são genuínos, por não representarem a subjetividade do indivíduo ou do grupo ao qual ele pertence, mas sim um alinhamento aos ideais da globalização. Novos referenciais surgem e desaparecem, antes mesmo de serem vivenciados e poderem fazer sentido. Na contemporaneidade, regida pelo capitalismo e consumismo exacerbado, os indivíduos tentam ser reconhecidos uns pelos outros, desprezando o reconhecimento de si mesmos. A aquisição e o abandono dos signos fálicos (objetos de desejo), e a sucessiva substituição desses bens pouco duráveis, garantem o “sucesso” dos sujeitos (Birman, 2014)

Cristopher Bollas (2018) mostra que, gradativamente, certas informações passaram a perder sentido, deixando de existir como eram; e fatores que identificam um “novo coletivo” passam a gerar uma sensação de conforto e otimismo social, evitando nosso contato com o *self* que é individual. Instala-se quase que uma superficialidade psíquica, que tem como efeito colateral a aceitação do “nós” em detrimento do “eu”.

Em uma sociedade narcisista e voltada ao “espetáculo”, a dimensão da alteridade tende a ser indesejada, as diferenças mais difíceis de serem entendidas e a subjetividade alheia são desconsideradas. A busca pela perfeição estética acaba por direcionar os indivíduos a processos neuróticos com relação ao próprio corpo, implicando a existência das variadas formas de bulimias e anorexias, acompanhadas pelas variadas formas de *depressões*, *síndromes do pânico* e *toxicomanias* como expressões de um “mal-estar” psíquico. O sujeito da atualidade padece de dor e não de sofrimento, e esse é seu maior mal (Birman, 2014).

A tecnologia permite aos sujeitos a ilusão de aceleração do tempo e de liberdade de escolha; porém, vem marcada por uma ausência de intimidade e superficialidade na avaliação dos fatos e processos decisórios. A quantidade de opções divulgadas pela mídia permite que o sujeito se defronte com uma série de opções que podem ser as corretas ou não. Tudo pode mudar e ser alterado. A falta de contato com sua própria subjetividade, em detrimento de uma suposta subjetividade coletiva, torna a tarefa da escolha um verdadeiro tiro no escuro.

O adoecimento na contemporaneidade: angústia

Definida como um estado psíquico de expectativa em relação a algo que ainda virá a acontecer, algo de bom ou ruim, a ansiedade tem sido identificada como um dos sentimentos mais presentes na vida contemporânea. As incertezas em relação ao futuro, potencializadas pela tecnologia e pelos padrões fantasiosos de performance disseminados pela mídia, fazem com que nos sujeitemos a um ritmo acelerado que engloba o trabalho e a vida em sociedade: “A ansiedade é uma reação a um perigo percebido, mesmo que a ameaça concreta não esteja presente, e prepara o psiquismo para reagir ao que virá” (Freud, 1926/1975).

Para o “pai” da psicanálise, Freud, a

angústia é uma condição existencial que faz parte da história dos seres humanos, sendo já abordada na filosofia e caracterizada pela dor de existir, de fazer escolhas, de suportar perdas, pelo medo da morte e finitude da vida. A partir dessas primeiras proposições, Freud vai se dedicar ao que denominou *neurose da angústia* – tema presente na maioria de suas obras, sendo posicionada como fenômeno fundamental característico do que denominou como neuroses. Em sua visão, a angústia permeava a base do sofrimento de seus pacientes, manifestando-se em sintomas como dispneias, arritmias, suores, tremores, diarreia, insônia, entre outros. Já o sintoma psíquico prevalente é o medo indeterminado, medo de enlouquecer, de adoecer, gerando terrores noturnos, ataques de pânico e fobias de animais, insetos, de situações específicas. Trata-se, aqui, de formas protetoras contra a angústia, que, se materializada em um objeto, pode ser evitada. Em síntese: a angústia é um estado afetivo e não um sintoma, e aparece em todas as formas de neurose (obsessiva e histérica), em forma de medo ou de sintomas físicos.

Inicialmente, Freud apontava a existência de duas linhas teóricas acerca da angústia. Na primeira, formulada entre 1895 e 1900, considerada uma teoria econômica, a angústia seria uma energia sexual não elaborada cuja descarga ocorreria de forma relativamente anárquica. A angústia era entendida por ele como um sentimento rememorado - uma crise, um estado ou uma expectativa. Sendo assim, a angústia consistiria somente na reprodução de algo vivido, seja um evento da vida adulta, seja da vida infantil. Após mais alguns estudos com seus pacientes, Freud abandonou essa hipótese e passou a considerar uma teoria puramente fisiológica, em que a angústia seria a descarga pela via somática de uma excitação sexual insatisfeita.

A segunda teoria sobre angústia é apresentada em “Inibição, sintoma e angústia” (1926/1975), sendo considerada definitiva em sua obra. Aqui, apresenta o ego como

a sede real da angústia, por ele produzida e sentida. Trata-se de um sinal que anuncia uma suposta ameaça externa (angústia realística), mas que, na verdade, se liga a um perigo interno. A ameaça externa é, na concepção freudiana, a castração, que provoca angústia frente às exigências da libido. Vindo de fora, torna-se um perigo porque a criança acredita nele, quer por motivos culturais, quer por motivos filogenéticos.

Mas, afinal, o que desencadeia a angústia? Em um de seus principais trabalhos, Freud (1915c/1969) fala da angústia como um medo de perder. Para uma criança pequena, a maior perda é o amparo; mais tarde, vem o medo da perda do amor dos pais e, em seguida, quando distinguem os sexos, há o medo da castração. Com a dissolução do complexo de Édipo, o perigo vem da possível punição do Superego (parte da psique herdeira das proibições parentais).

Nessa perspectiva, a angústia configura-se como um estado afetivo caracterizado por um conjunto bem definido de sensações corpóreas, e por um desprazer considerável. O afeto é definido por Freud como “processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos” (Freud, 1915c/1969, p.183). Ele descreve a angústia como o medo que todo humano tem do próprio desejo: o desejo é a falta; ou seja, a “expectativa de” a ser satisfeita e que está no inconsciente do sujeito.

Se não existir o desejo, o sujeito segue incompleto. Em outras palavras, temos todos de lidar com a falta para desejar e existir. Mas, se não desejo, me angustio, pois um sujeito sem desejo não é mais um sujeito - ele se torna um objeto para o desejo e para a apreciação do Outro. Em outras palavras, o sujeito angustiado está sempre preso na ilusão de que deve satisfazer as demandas daqueles à sua volta e, ao mesmo tempo, o seu desejo fica em último plano ou ele nem mesmo o conhece.

A angústia não é um sentimento muito popular e é evitada de todas as formas. Cada

perfil psíquico vai tratar ou sintomatizar a angústia de maneiras diversas: pelos sintomas ruminantes do neurótico obsessivo, nas queixas intermináveis do histérico, nos temores do sujeito fóbico, no uso de drogas pelo toxicômano.

Na visão da psicanálise freudiana, a angústia pode ter uma função positiva já que, não sendo intensa a ponto de gerar uma paralisia, possibilita a aproximação de um desejo inconsciente, colocando o sujeito em movimento na busca de seu significado. A angústia passa a ser, então, um motor do tratamento psicanalítico.

Diferentemente de Freud, Winnicott não concebe o nascimento como necessariamente traumático. Na visão do psicanalista inglês, é a mãe-ambiente que, logo nos primórdios da vida, vai garantir a saúde psíquica do bebê, o que implica ser capaz de se identificar com ele para atender às suas necessidades básicas suficientemente bem.

Sendo assim, a angústia pode estar presente nos estágios muito iniciais do desenvolvimento, quando há falhas muito significativas no cuidado ofertado pela mãe ao bebê, que precisa então, muito precocemente, reagir a invasões ambientais prolongadas. Esse trauma pode ser tão intenso que acaba por ficar registrado na psique do indivíduo e, em uma idade mais avançada, tende a ser revivido.

Em síntese: um ambiente que não é capaz de prover ao bebê um sentido de previsibilidade gera um padrão de reação ao imprevisível e ameaça de aniquilação. Ao contrário, o cuidado suficientemente bom que a mãe proporciona ao seu bebê possibilita, a esse novo ser humano, sua continuidade existencial.

Nesta perspectiva, uma mãe suficientemente boa é capaz de se identificar com o bebê e lhe propiciar um ambiente confiável, evitando falhas no cuidado que possam gerar as angústias impensáveis. Diferentes tipos de angústias impensáveis podem surgir nesses estágios iniciais e são definidas pelas tarefas maternas de sustentação (*holding*), manejo

(*handling*) e apresentação de objetos. A imprevisibilidade dos cuidados maternos faz com que o bebê se sinta vulnerável e organize defesas psíquicas a fim de evitar sofrer angústias, que para ele seriam impensáveis, quase um aniquilamento. A mãe suficientemente boa tem a capacidade de entender as necessidades de seu bebê e supri-las de maneira adequada, nem mais, nem menos.

Trabalho... Ou adoção?

Freud (1930) é oportuno ao nos lembrar que os relacionamentos se baseiam em funções sociais e não individuais. E toda função social tem sua base em hierarquias psíquicas que determinam o certo e o errado na sociedade. Em “O Mal-Estar na Civilização” (1930), defende a busca da felicidade como sendo o propósito básico da vida humana e a felicidade é restringida por sua própria natureza e se contrasta com a infelicidade, que gera a sublimação como um dos movimentos de defesa.

O psicanalista Christophe Dejours, que investiga os mecanismos de defesa dos trabalhadores frente a situações causadoras de sofrimento decorrentes da organização do trabalho, faz uso da psicanálise como referência para analisar essas dinâmicas, afirmando que se trata de uma atividade geradora de sofrimento e prazer ao mesmo tempo. O sofrimento advém do encontro do trabalhador com o real, sendo que o desamparo e a insuficiência para atingir o que precisa ser realizado é constante: “O que caracteriza o real é o que não sei enfrentar quando experimento o desejo ou sinto-me na obrigação de prosseguir a tarefa que me propus executar” (Dejours, 2012a, p. 178).

Para o autor, a mobilização subjetiva depende do outro, do coletivo de trabalho, que é constituído por regras que não são somente técnicas. A busca por prazer e sentido no trabalho, produzindo saúde psíquica, atua através da transformação de sofrimento patológico em criativo para a mobilização subjetiva do sujeito.

O adoecimento acontece quando os trabalhadores não têm possibilidade de mobilizar a sua subjetividade, tanto em função da restrição de seus próprios recursos psíquicos quanto pelas imposições da organização. Para atender ao mundo contemporâneo acelerado, o indivíduo vive em uma excitação que cansa e esgota, “mas a sobre-excitação parece mascarar o cansaço e proteger o sujeito do estado de profundo esgotamento, abatimento e morte psíquica” (Figueiredo, 2018). O sujeito procura, então, substituir seu estado de esgotamento por algo que atenda às demandas sociais: é preciso agir – uma reação falsa, mas segura e capaz de dar razão a uma vida cansativa e deprimente. É necessário ao sujeito proteger sua realidade angustiante de alguma forma aceitável à comunidade, e aparentemente comum e compatível ao período contemporâneo.

O adulto pode ser o mesmo que esteve exposto a uma relação não suficiente com o ambiente em seu desenvolvimento e que pode ser mais vulnerável à ativação futura de angústia, alívio pelo agir compulsivo. Diante dessa compulsão desenfreada e sem propósito, em que o sujeito não se reconhece e não desenvolve sua própria identidade e experiências individuais, (re)surge a angústia decorrente do vazio desse reconhecimento e, como resultado, são experimentadas as frustrações.

Existem perdas simbólicas e inconscientes dos objetos, diante de possibilidades não atingidas profissionalmente; com isso, o ego se torna fragilizado e abandonado. Os sujeitos passam a ter um discurso de negatização de si, impossibilitando-os de ver as novas opções de objetos que possam ser investidos pela libido. Os relacionamentos pessoais, profissionais e sociais passam a ser considerados como insignificantes e pretensiosos.

Teoria de Winnicott e o trabalho

Na concepção winnicotiana de saúde, o indivíduo começa a ser apto a cuidar de si mesmo, sendo capaz de reparar danos e

sentir-se deprimido (vívida como tendência à integração social). A saúde corresponde à adequação entre a idade cronológica e o modo de funcionamento do indivíduo. Os impulsos fundamentais da vida humana estão relacionados à necessidade de ser e continuar sendo além de uma tendência inata à integração. Nessa perspectiva, saúde não é uma forma de administrar a vida instintual nas relações interpessoais, mas uma forma de administrar os impulsos instintuais nas relações objetais.

As bases da saúde mental do indivíduo são estabelecidas nos estágios iniciais do desenvolvimento e envolvem basicamente os processos de maturação – que são tendências herdadas – e as condições ambientais necessárias para que eles se realizem (Winnicott, 1965/1983b). Winnicott (citado por Fulgêncio, 2020) classifica os pacientes em razão de seu estágio de integração: - aqueles que funcionam como pessoas inteiras e cujas dificuldades estão nos relacionamentos; aqueles cuja personalidade só recentemente começou a se integrar; aqueles que estão em estágios anteriores ao estabelecimento da personalidade como unidade no espaço-tempo. Toda a existência decorre, então, nesse intervalo entre o ser e o não-ser, na luta do indivíduo para não sucumbir aos estados de dissolução e estender, ao longo do tempo, a continuidade do seu ser, mediante o funcionamento do processo maturacional.

Apesar de todas as fases serem importantes e complementares no processo de amadurecimento psíquico, o agir compulsivo pode ter suas raízes psíquicas na fase da dependência relativa, mais especificamente na transicionalidade. Nessa fase, encontramos três dinâmicas principais: desilusão, transicionalidade/uso do objeto e a fase do eu sou. O período da desilusão diz respeito à entrada formal na interação com o ambiente, algo não-*self*. Este processo, da ilusão da onipotência à entrada do princípio da realidade, é associado ao desmame, sendo necessário que o bebê consiga lidar com as falhas, que

deverão ser suportáveis para proporcionar o desenvolvimento de seus recursos mentais. O ambiente falha, porém não desaponta o bebê, que aparece como algo que não é mais totalmente subjetivo - é na fase da dependência relativa que o ambiente (a mãe) deverá falhar de modo a proporcionar um desenvolvimento dos Modos-de-ser-no-mundo (Fulgêncio, 2020).

Na transicionalidade, a conquista das integrações continua sendo feita, e a ilusão que o bebê continua habitando se materializa em um objeto, criado por ele e, paradoxalmente, encontrado no ambiente. Diferentemente do objeto subjetivo, o transicional não desaparece com o fim da sua necessidade e pode ser possuído. Ele representa o modo como o indivíduo começa a se relacionar com a realidade.

O objeto transicional vai ter a função de fornecer contorno para a passagem à realidade, em que o indivíduo e o meio ambiente estariam separados, mas unidos em um espaço potencial. Esse objeto pode ser qualquer coisa que dê suporte à realidade - a ponta de uma manta, um urso de pelúcia ou uma boneca de pano, já que o que importa é a função que ele desempenha: um campo intermediário entre a realidade externa e a realidade subjetiva (Winnicott, 1971/1989).

Winnicott desenvolve os conceitos de *self* verdadeiro e falso *self*, sendo o verdadeiro a expressão do indivíduo a partir de si mesmo, que se afirma na linha da continuidade do ser, em oposição às falhas ambientais para sustentá-lo. O verdadeiro *self* é espontâneo e criativo, enquanto o falso *self* é uma reação de defesa do indivíduo para proteger o verdadeiro das falhas ambientais.

No texto *Escritores e devaneios* (1908/1980), Freud afirma que o trabalho está para o adulto assim como o brinquedo está para a criança. Mas é Winnicott quem avança nessa ideia. Vejamos: no livro *O Brincar e a Realidade* (1975), ele afirma que é gerado um espaço entre mãe e bebê a partir das experiências vividas por ambos, espaço

este ocupado por objetos transicionais e fenômenos transicionais. O significado de brincar atua desde um objeto até estágios mais elevados da capacidade humana relacionados com uma experiência cultural e criatividade. O brincar na infância auxilia a definir e redefinir os limites entre o eu e os outros e contribui para a obtenção de um senso de identidade pessoal e corporal. Com o passar dos anos, as brincadeiras e os jogos dão lugar aos passatempos, que, por sua vez, dão lugar ao trabalho.

O sofrimento está presente em qualquer trabalho, mas, para os autores, aquele que lidou melhor com a frustração de deixar de ser o centro do mundo, dando-se conta de que “este” estava lá antes de sua chegada, terá uma entrada rumo à realidade de maneira mais saudável e, como consequência, na vida adulta suportará melhor os obstáculos que surgirem no encontro com o real. Já para aqueles, cuja experiência de onipotência no início da vida não foi satisfatória, isso irá se exacerbar na fase adulta, gerando “uma falsa criatividade e um controle manipulativo da situação.

Considerações finais

As pressões contemporâneas que alteram a moral e as relações sociais em função do consumo transformam a vida cotidiana em um palco de espetáculos, desembocando em desejo sem destino e no desconhecimento perturbador do Eu – fatores-chave para o desenvolvimento de quadros de angústia, que tendem a ser aliviados através do agir compulsivo. E, neste contexto, o trabalho pode servir para muitos indivíduos como uma forma de descarga pulsional da angústia, que é, possivelmente, ainda mais intensa para aqueles que sofreram falhas ambientais no processo de amadurecimento.

O Eu (*self*) e toda a existência decorrem no intervalo entre o não-ser e o ser, que tem lugar em um processo maturacional caracterizado por fases. Na fase da dependência relativa, quando se inicia o contato com a

subjetividade e com a realidade exterior, falhas no ambiente podem afetar a integração do Eu (*self*), dificultando a inserção do indivíduo no campo social. Quando muito traumáticas, essas falhas podem levar a uma fixação a objetos transicionais - cuja função original é facilitar a transição de um sentido de realidade (subjetivamente concebida) a outro (objetivamente percebida) - através de descargas pulsionais, papéis estereotipados em um ciclo de repetições durante a vida. O *self* verdadeiro, expressão do indivíduo a partir de si mesmo, fica retraído, e o falso *self*, que deveria ter uma função protetora saudável, é fortalecido, sobrepondo-se ao verdadeiro *self*, e tendo como consequência quadros patológicos. Assim, o viver criativo, fruto da conciliação do mundo subjetivo e do objetivo, fica em desequilíbrio, gerando angústia.

Em consonância, a tecnologia garante a comunicação massiva e a formação / alteração de referenciais constantemente. O coletivo, o “Nós” aparece em detrimento do “Eu”, e o sujeito se torna refém de demandas externas, uma vez que tem pouca intimidade com sua própria subjetividade para sustentar valores internos em direção a um equilíbrio.

Neste cenário, o falso *self* protetor aparece patologicamente como uma forma de inserção no mundo social. O ser se transforma em um espetáculo a ser apreciado e aprovado pelo coletivo, transmitido em cadeia global de mídia e sem referenciais sólidos. O papel da subjetividade é desconsiderado - há a sobreposição de um falso *self* patológico e o resultado é camuflado em forma colateral de angústia.

Quando insistentemente ignorada, a angústia se transforma em vazio e o indivíduo sai à procura de soluções para anestesiar esse sofrimento. A repressão dos desejos e a anulação das singularidades pessoais levam ao aparecimento de sintomas. O agir compulsivo, a constante busca por atividades, afazeres que impelem o movimento e, portanto, se adequam aos valores contemporâneos,

entram no lugar de um objeto transicional, facilitando a inserção no mundo social. Indivíduos que sofreram falhas ambientais, como mencionado anteriormente, tendem a utilizar o trabalho como descarga pulsional, obedecendo a modelos contemporâneos estereotipados de valor em ciclos repetitivos, sem conseguir perceber ou defender-se deles.

Como as pressões contemporâneas induzem ao consumo, o trabalho, ou melhor, a construção da possibilidade individual de consumir, passa a ser o destino mais favorável da angústia, quando o sujeito consegue ainda ter seu valor reconhecido e diferenciado no coletivo através de seu poder de consumo. Se o trabalho, impulsionado pelas pressões sociais, passa a ser parte essencial desse projeto, ele estará inserido na concepção de futuro do indivíduo e tomará grandes proporções. O fracasso no trabalho representa o fracasso do futuro, e qualquer esforço para evitá-lo é justificado, mesmo que represente a completa exaustão do indivíduo.

Assim, o trabalho, que deveria ter apenas certa importância na vida do indivíduo, se sobrepõe a todos os outros projetos, deixando de ser condizente com uma vida criativa e saudável, pois o essencial, que é o contato com o mundo subjetivo individual, deixa de ser relevante. Ou seja, o trabalho passa a representar o SER do sujeito e a forma que este encontra para se inserir no mundo.

Referências

- Bauman, Z. (2002). *Amor Líquido*. Zahar.
- Birman, J. (2007). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2014). *O sujeito na contemporaneidade*. Civilização Brasileira.
- Bollas, C. (2018). *Meaning and melancholia: life in the age of bewilderment*. Routledge.
- Debord, G. (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Contraponto.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. Cortez-Oboré.
- Dejours, C. (jul/set.2012). Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. *Psicologia em estudo*, 17(3), 363-371. <https://www.scielo.br/pdf/pe/v17n3/a02v17n3.pdf>.
- Figueiredo, L. C. (2018). Trauma e dissociação na “contemporaneidade”: de volta ao assunto vinte anos depois. *Caderno de Psicanálise (CPRJ)*, 40(39), 91-108. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v40n39/v40n39a05.pdf>.
- Freud, S. (1908[1907]/1980). Escritores criativos e devaneios. In S. Freud, (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud), vol. 9, 147-158. Imago.
- Freud, S. (1915c/1969). A Repressão. In S, Freud, (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Imago.
- Freud, S. (1926/1975). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud), vol.20. Imago.
- Fulgencio, L. (2020). *Psicanálise do ser: A Teoria Winnicottiana do Desenvolvimento Emocional como uma Psicologia de Base Fenomenológica*. Edusp/Fapesp.
- Maslach, Christina; & Leiter, Michael P. (2016). Burnout: A Brief History and How to Measure It. In *The Handbook of Stress and Health: A Guide to Research and Practice*. Wiley-Blackwell.
- Winnicott, D. W. (1965/1983b). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1971a/1975). *O brincar e a realidade*. Imago.
- Winnicott, D. W. (1971/1986b). Vivendo de modo criativo. In D.W, Winnicott, *Tudo começa em casa*. WME.
- Winnicott, D. W. (1971/1989). O conceito de indivíduo saudável. In D.W, Winnicott. *Tudo começa em casa*. Martins Fontes.

Recebido em: 13/08/2025

Aprovado em: 09/10/2025

Sobre a autora:

Gisela Turchetti

Psicanalista em São Paulo e professora no Centro de estudos Psicanalíticos – CEP

Mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Diretora de operações da Ong de atendimento Psicológico CEAF (Centro de Estudos e apoio à família).

Membro do Grupo Brasileiro de Estudos Sandor Ferenczi e do Instituto Brasileiro de psicanálise Winnicottiana.

Autora do livro “Trabalho e angústia: uma relação delicada”- editora Vialletera 2022.

E-mail: gisela.turchetti@gmail.com